

CARTAS

PARA O

FUTURO

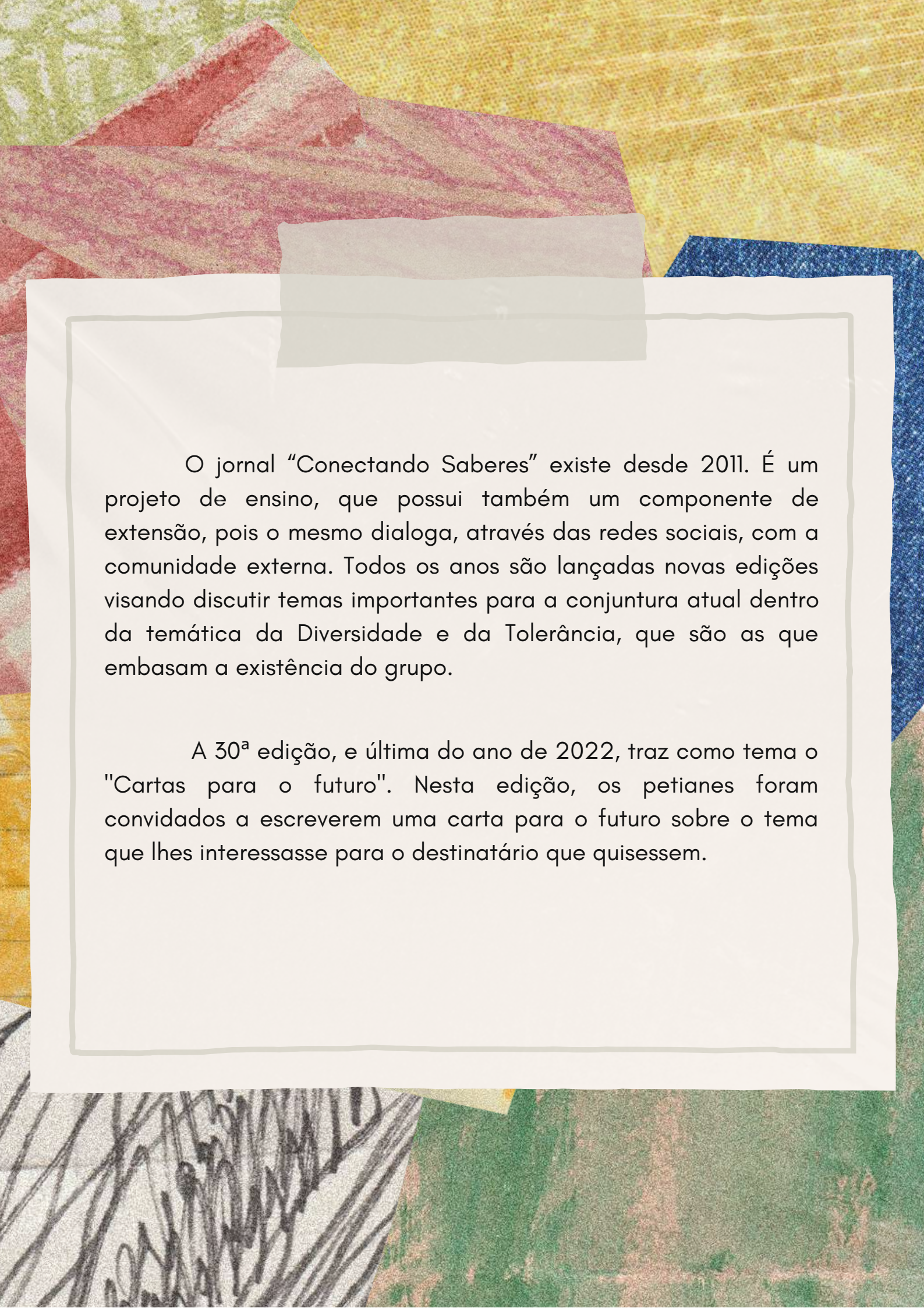
PET DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA

30ª EDIÇÃO

ANO XI - NOVEMBRO 2022



pet
diversidade
& tolerância



O jornal "Conectando Saberes" existe desde 2011. É um projeto de ensino, que possui também um componente de extensão, pois o mesmo dialoga, através das redes sociais, com a comunidade externa. Todos os anos são lançadas novas edições visando discutir temas importantes para a conjuntura atual dentro da temática da Diversidade e da Tolerância, que são as que embasam a existência do grupo.

A 30ª edição, e última do ano de 2022, traz como tema o "Cartas para o futuro". Nesta edição, os petianes foram convidados a escreverem uma carta para o futuro sobre o tema que lhes interessasse para o destinatário que quisessem.

Eu, Fernanda Santana dos Santos, me apresento nestas linhas, como afrodescendente e indígena com orgulho e, me considero preta, nordestina, baiana e soteropolitana. Como parte da minoria social deste Brasil, vim para o outro lado do país, mais precisamente para a região sul, buscar a realização de um dos meus objetivos e sonho, a graduação em Agronomia. Deparei-me fora da caixa, e com uma certidão de batismo, chego em um local não tanto apreciador de minha descendência, mas, quebrar paradigmas e ocupar meu lugar de direito foi o que me motivou, e hoje estou graduanda na Universidade Federal de Pelotas, fazendo parte do grupo PET Diversidade e Tolerância.

Dedico esta carta um tanto ao meu passado, aos nossos ancestrais, aos quais devo o meu pouco saber e a minha ignorância, não por culpa deles e nem vontade própria e, isso todos nós sabemos, mas sim houve repressão dos opressores, que dificultou a propagação da educação como um todo para nosso povo. Mas minha força, cultura, sabedoria empírica e o meu corpo, devo ao meu passado com orgulho. A partir do presente, que permite lembrar nossas origens, resisto e luto por uma reparação e lugar de direito. E, ao futuro, não tão distante, a todos descendentes, construo coletivamente expectativas de eliminar toda forma de opressão.

Através desse escrito, não tão futurístico, desejo no meu profundo ser, um mundo melhor. Mas, isso todos nós queremos, não é mesmo?! Para lutarmos por um futuro melhor temos que voltar ao passado e entender nossa história e origem de base, para aí sim, internalizar e compreender o porquê não devemos regredir em tais atitudes, e assim enxergar para onde vamos, o que queremos e como mudar todo o contexto histórico.

O amanhã que eu quero é o resultado de todas nossas lutas, através de um trabalho no coletivo, para aí sim ocorrer uma mudança e reparação histórica, onde possamos conviver sem desigualdades, maus tratos emocionais, sociais, educacionais, preconceitos e racismo. E para conquistar tudo isso se faz necessário o engajamento da população negra e dos menos favorecidos, para tomada de decisões além dos espaços propostos. Meu desejo é que você, eu, o conjunto, não se perca nas tentativas e não se torne pequeno diante das dificuldades no caminho.

Hoje todos nós estamos sofrendo, com injustiças, fome, doença e morte, pela maldade humana. Deus diz que, enxugará os olhos de toda lágrima e não haverá mais a morte, nem tristezas, nem choro e nem dor. (BÍBLIA, Apocalipse, 21: 4) Mas os mansos possuirão a terra e terão grande alegria na abundância de paz. (BÍBLIA, Salmos, 37:11)

Para nós, o caminho está em andamento, mas traçar a estrada para as futuras gerações, exige fogo no coração, luta pela raiz do nosso país, para que possamos melhorar e contar nossa história com outra perspectiva.

FERNANDA SANTANA DOS SANTOS

REFERÊNCIAS

Apocalipse 21:1-27 | Tradução do Novo Mundo (Edição de Estudo) | TNM – Bíblia de Estudo (jw.org)
Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/biblia/biblia-de-estudo/livros/apocalipse/21/>
Acessado em: 01 de out. de 2022.

Salmo 37:1-40 | Tradução do Novo Mundo (Edição de Estudo) | TNM – Bíblia de Estudo (jw.org)
Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/biblia/biblia-de-estudo/livros/salmos/37/> Acessado em: 01 de out de 2022.



O Mundo que eu quero para as mulheres

Pensar no mundo que eu quero para o futuro das mulheres, implica analisar não só o presente, mas também o passado. É preciso rememorar que historicamente foram impostas muitas restrições às mulheres, e que todos os avanços e conquistas que temos nos dias de hoje, só foram conquistados através de muita luta e embate.

Durante muito tempo, as mulheres ficaram restritas ao cuidado do lar e dos filhos (espaço privado), e ao homem cabia às obrigações da vida pública e de negócios. Diante deste contexto de submissão e invisibilização, se formos analisar a história da mulher na sociedade, veremos que diversos marcos históricos foram importantes no sentido de problematizar e/ou desconstruir o que estava posto até então, tais como: o acesso à educação formal (1827), o direito ao voto (1932), a criação do Estatuto da Mulher Casada (1962), a aprovação da Lei do Divórcio (1977), a Lei Maria da Penha (2006), apenas para citar alguns.

Entretanto, embora se tenha tido nos últimos anos diversas conquistas importantes, ainda na atualidade as mulheres sofrem com o machismo e o patriarcado. No que se refere à violência contra a mulher, segundo uma matéria publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos (2019), a cada dois segundos, uma mulher ou menina é vítima de violência física.

Com relação ao acesso à educação para as mulheres, embora seja um direito amparado por lei, será que a universidade está verdadeiramente preparada para atender as mulheres que são mães, por exemplo? Conforme uma pesquisa realizada pelo PET Diversidade e Tolerância nos anos de 2020 e 2021, as mães universitárias precisam lidar com diversos desafios para conseguir conciliar a maternidade e os estudos no ensino superior.

Isto evidencia que a aprovação de leis e a possibilidade de acessar espaços que até pouco tempo eram impensáveis para as mulheres são grandes avanços, mas somente isso não é o suficiente, é preciso mais, haja visto que a maioria destes espaços foi pensado para a presença masculina e não o contrário. Dito isso, quero um mundo que acolha mais nós mulheres, que possamos sonhar e viver em um mundo mais justo e sem violência. Que possamos sair na rua, sem medo de ser assediadas, estupradas e mortas. Que possamos falar o que quisermos, sem medo da repreensão por simplesmente sermos mulher. Que os espaços sejam realmente pensados também para nós, pois, muitas vezes, nós é que precisamos nos adequar, visto que muitos lugares/espaços não foram projetados para a presença feminina.

Em suma, que num futuro próximo tenhamos liberdade e que não tenhamos mais medo por simplesmente sermos **MULHERES**.

LIÉSIA B. RUTZ

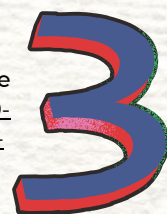
REFERÊNCIAS

ANPG. Marcos das conquistas das mulheres na história. Associação Nacional de Pós-Graduandos, 2012. Disponível em: <https://www.anpg.org.br/08/03/2012/marcos-das-conquistas-das-mulheres-na-historia/>. Acesso em: 04 de out. 2022.

BERNARDES, THAIS. As conquistas das mulheres ao longo da história. Futura, 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/as-conquistas-das-mulheres-ao-longo-da-historia/>. Acesso em: 05 de out. 2022.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. A invisibilização da mulher na história. Youtube, s/a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aT14cSBKd7Q&list=RDCMUCzfwf0utuEVxc4D6ggXcqjQ&index=1>. Acesso em: 05 de out. 2022.

SANTOS, João Vitor. Cultura do patriarcado e desigualdades históricas entre os sexos são vetores de uma epidemia de violência contra a mulher. Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/586504-cultura-do-patriarcado-e-desigualdades-historicas-entre-os-sexos-sao-vetores-de-uma-epidemia-de-violencia-contra-a-mulher-entrevista-especial-com-nadine-anflor>. Acesso em: 05 de out. 2022.



Queridos estudantes,

Ingressei na universidade pública em 2018. Confesso que isso nunca foi meu plano, pois não tive acesso a informações sobre universidades gratuitas durante meus anos escolares. Sendo assim, demorei a saber sobre a existência da universidade pública, fui descobrir quando estava no meu terceiro ano do ensino médio. Lembro que não sabia o que eu queria cursar e muito menos em qual lugar. A única coisa que sabia era que seria difícil meus pais conseguirem pagar uma faculdade particular para mim.

Como dito acima, conheci a universidade pública no terceiro ano do ensino médio quando uma amiga me relatou que gostaria de entrar num cursinho pré-vestibular gratuito chamado Professor Chico Poço. Ela me explicou que a irmã tinha estudado lá para entrar em uma universidade pública e que ela queria fazer o mesmo. Depois que ela me contou, fui pesquisar sobre e fiquei muito interessada. Para entrar tínhamos que fazer uma prova e depois uma entrevista. No ano seguinte, fiz a prova, a entrevista para o cursinho e passei.

Ao todo, fiz dois anos de cursinho. No meu primeiro ano, conheci muita coisa que eu nunca tinha visto. Tínhamos aula de redação, literatura, artes, sociologia e outras disciplinas, que normalmente temos na escola. Me recordo de participar das atividades de sábado e de ser apresentada ao SISU, aos vestibulares específicos e ao PROUNI. Como aquele ano foi um cheio de informações e eu ainda não tinha certeza de qual curso prestar, acabei fazendo mais um ano de cursinho. Lembro que foi uma experiência muito diferente, pois dessa vez eu já conhecia as atividades que o cursinho nos apresentava e não me sentia perdida. Foi no segundo ano, que meu interesse pelo curso de Letras foi despertado. Fiz o ENEM e me inscrevi no SISU e no PROUNI. Passei na PUC de Campinas (SP) e, através do SISU, cheguei na Universidade Federal de Pelotas (RS).

Nunca havia saído do Estado de São Paulo. Morar em Pelotas foi uma decisão que me proporcionou muitas experiências que jamais vou esquecer. Ingressei num ano muito importante de eleições, a UFPel havia recém superado as greves de 2016. Nesses 4 anos, posso dizer que presenciei muitas situações de cortes de verbas e transformações na universidade. Vivenciei a pandemia da Covid-19, fiz estágios remotos, passei pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e depois pelo Programa de Educação Tutorial (PET), que me proporcionaram experiências inimagináveis. Ademais, foram programas que me proporcionaram bolsa e me ajudaram a me manter. Bolsas as quais não possuem reajustes desde 2013, inclusive. Além disso, nas amizades encontrei uma família, construída por gente de todo canto. Encontrei o cinema e a literatura, áreas que espero que estejam ainda comigo no futuro.

Agora em 2022 encerro minha trajetória na graduação. E, ao pensar no futuro, não posso deixar de relacionar com todo esse passado relatado. Afinal, as oportunidades que tive e que foram caminhadas por mim, são as que me fizeram ser quem sou agora e quem quero ser no futuro. Sendo assim, espero que as oportunidades se multipliquem nos próximos anos. Que a universidade seja mais valorizada, assim como a educação, e que as informações sobre ingresso cheguem aos ouvidos de todos os alunos, que iguais a mim, precisam que alguém os introduza a esse universo. Aos que estão ainda no início da trajetória, desejo coragem e disposição, pois a universidade transforma, mas para isso é preciso lutar. Lutar por tudo aquilo que tem direito e que quer conquistar. Aproveitar as oportunidades e se experienciar como um todo. Já deixo sobreaviso que nem sempre as coisas serão do jeito que você imagina e muitas vezes não estamos preparados, mas saber aproveitar é importante quando elas aparecem. Afinal, mesmo vindo de outro canto do Brasil ou até mesmo de outro país, você nunca vai estar sozinho.

A Luana do futuro, espero que esteja feliz com suas escolhas, fazendo o que gosta, cercada daqueles que ama. A você do futuro ou até do passado, espero que minha história se assemelhe um pouco com a sua, que assim como eu, tenha tido a oportunidade de experienciar tudo que a universidade pública pode te proporcionar.

Com carinho,

LUANA DURANTE OLIVEIRA

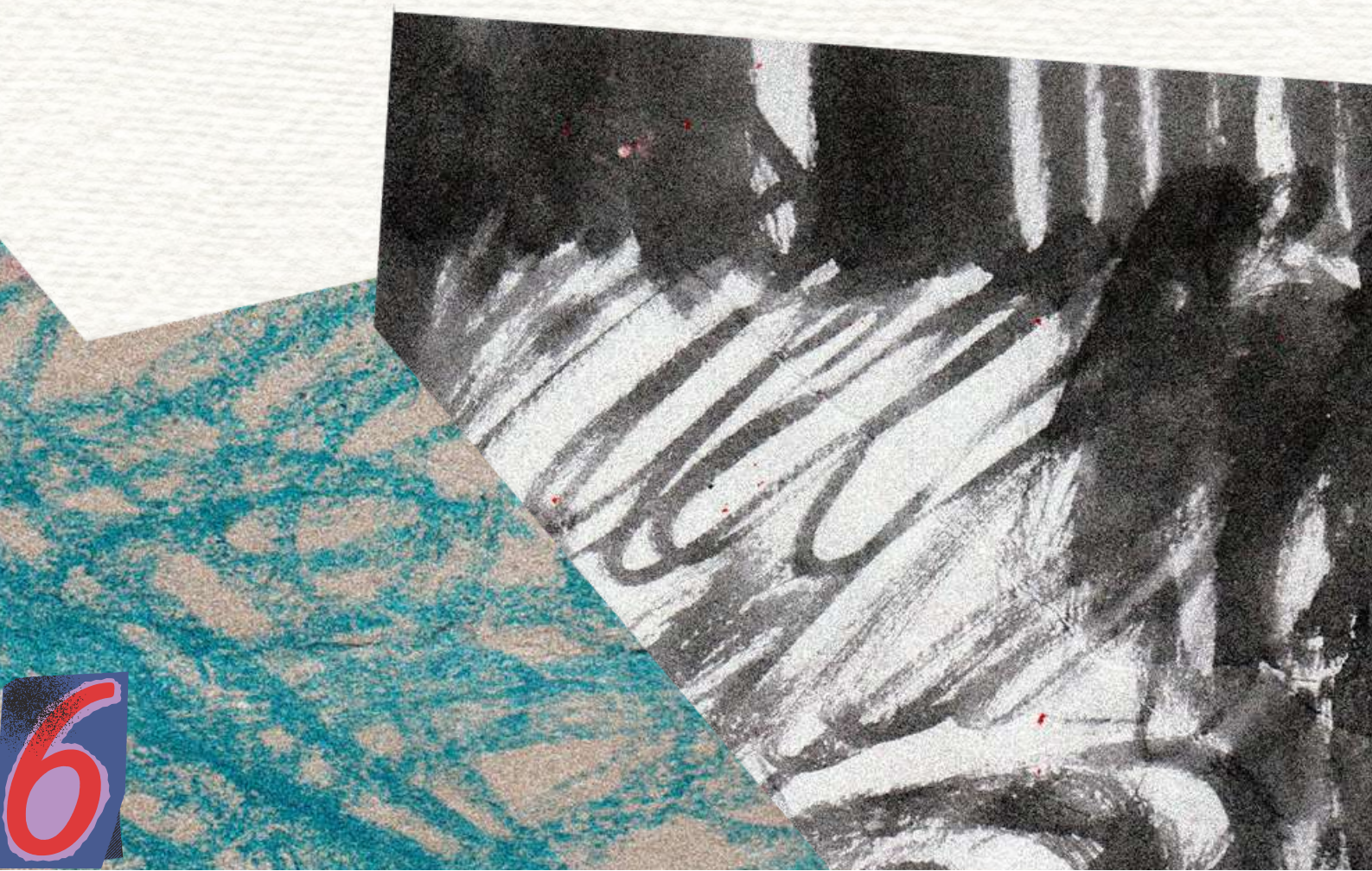
Você sabia que fronteiras, limites e divisas nem sempre existiram? Que foram criadas e impostas pelos seres humanos? Que seus antepassados que aqui chegaram fugiam da fome, guerra e estavam em busca de melhores condições de trabalho? Que somos um país rico e culturalmente diverso? Que o Nordeste é potência: composto por gente inteligente, hospitaleira, batalhadora e feliz?

Não importa o quão longínquo nasçamos uns dos outros, somos todos brasileiros, filhos desta enorme nação. Não acha que passou da hora de deixar o seu preconceito e estereótipo de lado e lembrar da história dos seus ascendentes e aprender com a diversidade? É preciso respeito e tratar com dignidade a todos que por aqui chegam.

A Universidade deveria ser um lugar plural e diverso, mas às vezes exclui, fazendo com que pessoas cheias de sonhos abandonem seus estudos e retornem para casa. A vida é tão breve e a sua falta de tolerância e empatia te transforma em um ser ignorante, pequeno e sem legado para a sociedade.

Todos devemos ter a mesmas oportunidades. Independentemente do local de nascimento, cor, gênero, orientação sexual e religião. Somos todos seres humanos, em busca de melhores condições de trabalhos e oportunidades. Isso te faz lembrar algo? E não, carioca não é malandro! Espero que reflita e possa aprender algo sobre humanidade!

ROBSON RODRIGUES DA SILVA JUNIOR



Por um Brasil sem racismo

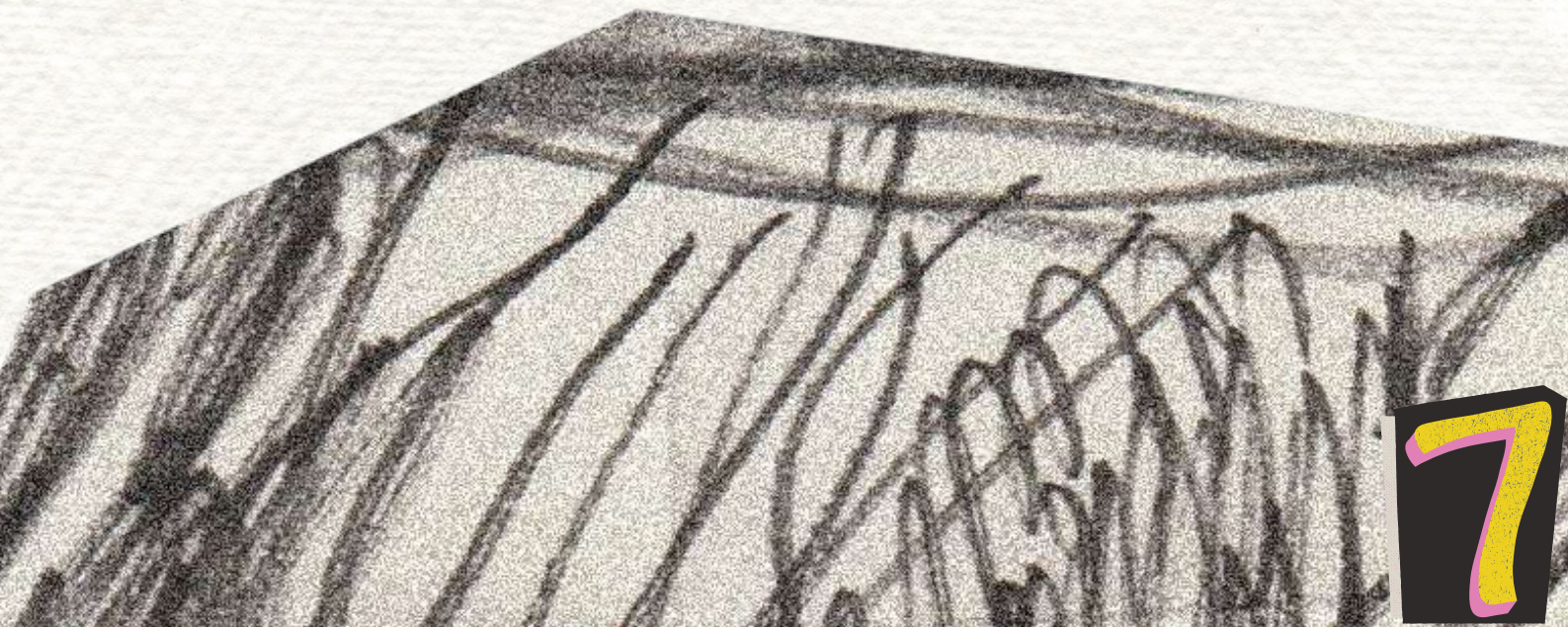
Prezado futuro, estou escrevendo essa carta na esperança de que nosso Brasil seja mais valorizado, com mais oportunidades de empregos e que se criem mais políticas públicas de saúde, que haja valorização aos profissionais que atuam à frente das demandas da saúde e que todos tenham acesso a esses serviços públicos, que precisam ser de qualidade. Sigamos com a esperança de dias melhores. Meu caro futuro nos surpreenda abundantemente com as melhores ações em prol de melhorias a todos e todes!

O desejo que eu tenho para o futuro é de um país mais igualitário, mais justo, com menos preconceitos, em que as pessoas tenham acesso à educação, à saúde, à moradia digna e que os cidadãos tenham seus direitos e deveres garantidos, conforme a Constituição. E que a educação antirracista seja vista como base aplicada na educação, pois através da educação teremos seremos humanos conscientes e somente a educação transforma as pessoas e proporciona melhoria à nossa sociedade. Finalizo essa carta dizendo que o meu sonho é de ter mais jovens quilombolas, assim como eu, entrando na universidade pública, que tenham acesso ao conhecimento, que se faz extremamente necessário para nossa formação.

Que as pessoas sejam mais solidárias, sem julgamentos a priori, e que não haja exclusão do outro por questão de raça. Que se construa um futuro melhor, no qual nossas novas gerações aprendam desde criança a respeitar umas às outras, sem distinção por raça e cor. Que tenhamos mais diversidade étnica, cultural ocupando espaços e um mundo sem disseminação de ódios e conservadorismo na nossa sociedade e que a democracia prevaleça!

Com carinho,
Atenciosamente

ELIANA DUARTE DA ROCHA



Hoje é dia 24 de setembro do ano de 2022, são exatamente 1 hora e 22 minutos.

Foi um dia cheio, reunião na faculdade, médico com o meu bebê de 7 meses que está resfriado e com uma tosse que me preocupa. Segundo o médico é só um resfriado de inverno e tudo ficará bem, para o descanso de meus pensamentos de preocupação. Me sentei agora na frente do computador para escrever esta carta para o futuro. Na minha cabeça ainda flutua milhões de pensamentos, um certo cansaço ou exaustão, quem sabe.

Mas respirando fundo e pensando em um tempo mais longo eu espero que neste dia em que esta carta esteja sendo lida eu esteja mais tranquila e calma e que meu maior objetivo que é estar formada na profissão que escolhi que é a nutrição já tenha se concretizado e eu esteja na minha segunda graduação a educação física.

Sobre a vida ela vai estar mais estabilizada e eu poderei estar curtindo a felicidade de dividir a vida com meu filho já grandinho em idade escolar podendo proporcionar a ele uma educação de qualidade e muito amor na “nossa casa própria”. Mas o meu maior objetivo nessa vida é não errar quanto à forma de criá-lo para o mundo. Quero formar um homem amoroso, inteligente, educado e um homem que qualquer mulher possa estar perto sem se preocupar, livre de preconceitos quanto a outras pessoas, culturas ou formas de pensar.

Quanto ao mundo nesse momento é ano eleitoral no Brasil. Daqui a oito dias estaremos nas urnas votando para nosso maior representante da nação, o país está um caos, com a fome e a insegurança alimentar aumentando cada dia mais. Estamos em meio a pandemia do covid-19 “ainda” e parece que isso nunca acaba. Ai no futuro eu quero muito que os problemas sociais estejam amenizados e que a Amazônia esteja sendo mais bem cuidada, quero também nossos rios e oceanos respeitados e que cada pessoa se conscientize de que não existe o jogar fora o mundo. Aqui é nossa casa tudo fica dentro, então precisamos estar reciclando e usando toda essa tecnologia gigantesca para defender a natureza, o nosso lar, para que a terra nos dê condições de povoá-la por um bom tempo ainda, sem se revoltar contra nós.

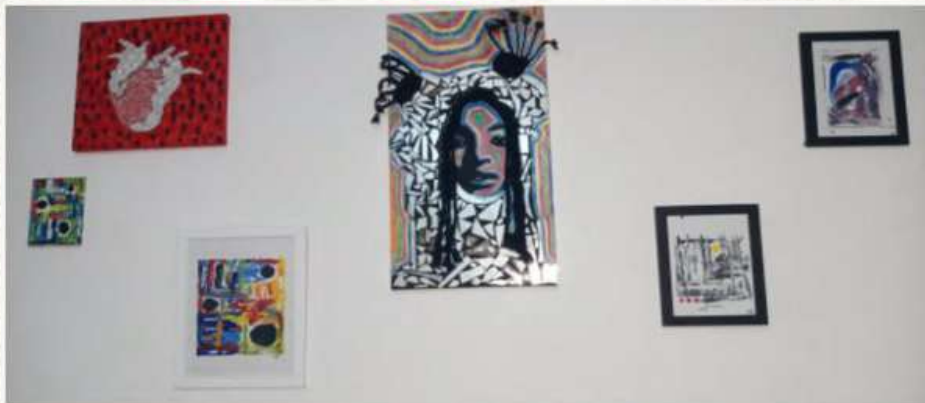
BIANCA LEOCADIO DUARTE



Prezada Arte & Cultura do Futuro.

É com grande entusiasmo e esperança que escrevo esta carta. Contem-me as boas novas aí do futuro. Como você está? E as novidades por aí? Como andam as questões de novas propostas artísticas e a realização de atuais eventos culturais? E os artistas, a sociedade já compreendeu a sua importância? Conte me tudo, nos mínimos detalhes, se possível sem esquecer nada.

Porque por aqui a arte resiste dia após dia, sendo inovadora e tecnológica e, mesmo assim, segue sendo incompreendida como uma forma de trabalho, pesquisa ou estudo. Nós artistas andamos cansados, depressivos e ansiosos, porém continuamos produzindo e criando nossas artes de maneiras distintas e diversas. Seguimos olhando sempre para o futuro e não só o nosso futuro como artistas, mas também o futuro onde ele existe, uma sociedade com cada vez mais acesso à arte, à cultura e à informação.



OBRAS DE: MAILYNE RODRIGUES

Pois a cultura está como a purpurina, só o pó. O brilho está desgastado e apagado devido a tantas desilusões e promessas de melhorias que nunca sequer foram idealizadas. Ainda assim projetos culturais, criados de forma independente contando apenas com o apoio da comunidade, persistem em acontecer dentro das periferias e nos grandes centros, propagando a cultura no intuito de futuramente ela brilhar novamente, possibilitando maior conhecimento de forma coletiva. Isso aconteceu realmente com o passar dos anos, aí no futuro, ou é apenas um sonho utópico de um artista?

Porque para o futuro das novas gerações de artistas das mais variadas formas e áreas da arte eu tenho esperança de uma ampliação de consciência coletiva, ligada à arte e à cultura, tanto a questão das produções, mas também nas pesquisas e com esta consciência estendida. É preciso entender que a arte faz parte da educação, assim como a educação faz parte da arte, promovendo reflexões sobre si e sobre a sociedade e o tempo no qual vivemos, porque sem a arte não haveria histórias para contar, sem a cultura não haveria tradições diversas para cultuar e sem um futuro, por mais longínquo e distante que ele esteja, ele sempre será o futuro onde tudo pode acontecer e só de pensar sobre ele isso nos deixa motivado e esperançoso acerca do que está por vir. Termina por aqui a escrita desta carta com o coração acelerado e entusiasmado olhando para o horizonte, repleto de expectativas.

Um abraço cheio de afeto e esperança.
Atenciosamente **ARTISTA**.

Carta Para o Futuro dos idosos

Na atualidade vivemos um mundo em que as pessoas idosas não são respeitadas da maneira que deveriam ser. Durante a pandemia ficou cada vez mais nítido que, de alguns anos para cá, direitos foram cortados de maneira brutal como os cortes a farmácia popular que totalizando 59% dos recursos destinados, a reforma da previdência dificulta concessões de benefícios levando a idosos chegarem na linha da miséria. Por outro lado, enquanto tais cortes acontecem, segundo a ONU, a taxa de idosos cresce em torno de 3% em 2017, ou seja, hoje estima-se pessoas com mais de 60 anos, girem em torno de 962 milhões de pessoas no mundo.

Caro futuro, o que eu espero de ti é que tenha mais igualdade para que pessoas de mais idade, especialmente em vulnerabilidade social, tenham os mesmos direitos que os demais; que os governantes tenham mais empatia e que existam leis para todos, as quais devem ser cumpridas; que as pessoas sejam mais gentis e pensem no outro.

Quero me ver envelhecendo nesse mundo do futuro, no qual exista saúde pública de qualidade, aposentadoria digna e não existam mais pessoas passando fome. É preciso que haja medicamentos à disposição, aos que deles necessitem e que a saúde mental seja considerada importante tanto como a saúde física.

No dia 1º de outubro comemora-se o dia internacional do idoso e desejo que nos próximos anos essa data seja realmente para se comemorar e não apenas mais uma data no calendário. Torna-se fundamental que as pessoas comecem a cuidar mais do seu próximo sem intolerância, preconceito e ódio e que o amor e o cuidado transbordem o peito de cada um de nós.

GIOVANA POZZA

REFERÊNCIAS

<https://www.estadao.com.br/politica/quais-medicamentos-sao-afetados-pelo-corte-no-farmacia-popular-entenda/>

<https://unric.org/pt/envelhecimento/>

<https://www.cut.org.br/noticias/reforma-da-previdencia-pode-jogar-mais-idosos-na-linha-da-miseria-97a1>



São Paulo, 26 de junho de 2013.

“[...] a reação das entidades médicas simboliza a resistência dos profissionais e dos cidadãos ao estado de total abandono que afeta a rede pública. Por isso, nesta terça-feira (26), os representantes de conselhos, associações, sindicatos e sociedades de especialidades médicas, reunidos em São Paulo, decidiram por consenso intensificar a luta em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS) e pelas condições para o pleno exercício da Medicina. [...] Estão previstos passeatas, protestos, caminhadas, atos públicos e assembleias em todos os Estados para alertar a população para o problema. Locais e horários serão divulgados pelas entidades estaduais.”


Este trecho, retirado da “Carta aberta: os médicos na luta em defesa da saúde pública”, disponibilizada pelo Conselho Regional de Medicina do Paraná, denunciava a criação de novas vagas de medicina – graduação - e a entrada de profissionais estrangeiros no país como algo negativo para o bom exercício da Medicina e prática da saúde pública, uma vez que aquele conselho via, com maus olhos, tal ação, à época.

A carta foi disponibilizada há quase 10 anos e a situação vivenciada naquele tempo – a qual levou tal entidade a emitir o documento - foi o fato de que o Governo Brasileiro, naquele período, anunciou que 1.618 médicos, dentre eles 358 estrangeiros, tinham sido selecionados na primeira etapa do “Mais Médicos”, programa lançado com o objetivo de levar mais profissionais às cidades do país, nas quais havia carência desses profissionais prevendo, ainda, mais investimentos para a construção, a reforma e a ampliação de Unidades Básicas de Saúde (UBS), além de novas vagas de graduação em Instituições públicas e privadas e em residências médicas para qualificar a formação desses profissionais.

A reivindicação da classe médica se baseia neste ponto, ou seja, de acordo com os médicos daquele período, a entrada de mais profissionais no mercado desqualificaria o serviço oferecido à população.

Esta situação mostra-se contraditória, visto que diversas regiões do país sofrem diariamente com a falta de serviço médico adequado e muitas famílias padecem por problemas básicos, já que os médicos formados nos grandes centros optam por permanecerem nas maiores cidades, sendo que os serviços oferecidos e de qualidade ficam concentrados em alguns centros regionais.

A situação vivenciada naquele período, portanto, evidenciou a luta que parte da classe médica tem de manter controlado o número de médicos neste país, sempre mostrando-se contra a criação de novas vagas e diminuindo o número de profissionais estrangeiros que entram no mercado nacional. Tal fato demonstra que, na verdade, não há uma preocupação tão pontual quanto à qualidade do serviço, mas sim que, muitas vezes, há o viés mercantilista da Lei da Oferta e Procura, a qual procura controlar o número de profissionais que ingressam no mercado – seja por novas vagas de graduação ou ingresso de estrangeiros – para que o valor atribuído à classe mantenha-se sempre alto e o ser médico continue para parte seleta da sociedade, mantendo sempre as mesmas famílias e sobrenomes no controle da promoção da saúde à população.



Minha carta para o futuro da Saúde da nação pretende que mais pessoas de origens periféricas da sociedade consigam acessar o ensino superior para que haja mais profissionais oriundos dessa realidade. A expectativa é que com profissionais que tenham vivenciado a realidade da população, consigamos alcançar mais empatia e humanidade nos atendimentos prestados aos cidadãos e cidadãs, principalmente daqueles que usam exclusivamente o Sistema Único de Saúde (SUS), o principal, para não dizer o único meio, pelo qual a maioria da população consegue o acesso à saúde integral neste país.

Com isso, almejo que no futuro haja mais qualidade nos serviços prestados; que os Conselhos e órgãos médicos superiores preocupem-se – verdadeiramente - em oferecer serviço de qualidade à população e não concentrar diplomas em mãos apenas de privilegiados. A população merece profissionais mais empáticos, capazes de ver além dos exames e computadores e dos seus próprios interesses, mas que consigam observar a pessoa na sua condição física, mental e social como um todo, havendo humanidade e empatia no trato humano.

Por fim, em dias atuais, podemos perceber em nossa região, populares tendo que protestar pela falta de médicos. É o caso, por exemplo, da UBS Cordeiro de Faria, que fica no 5º distrito de Pelotas, distante apenas 40km de Pelotas, quarta cidade mais populosa do RS, de acordo com estimativa do IBGE, em 2021. É importante frisar que Pelotas conta com duas Faculdades de Medicina, formando anualmente cerca de 180 profissionais e, mesmo assim, não consegue suprir a sua própria demanda.

Logo, espero que para o futuro haja políticas que consigam – de fato - atender de forma mais homogênea a coletividade e o corpo social, visto que esta região não é uma das mais afetadas pela falta de médicos, já que, conforme a Associação Médica Brasileira, em seu último levantamento de 2018, em Roraima, por exemplo, havia apenas 816 médicos registrados para todo aquele Estado, com cerca de mais de 500 mil habitantes. Tal situação muda, em absoluto, quando pensamos em estados como São Paulo e Rio de Janeiro, locais que têm a preferência dos formados.

Por último, que o futuro encontre situação melhor, com profissionais mais dedicados ao coletivo; com maior valorização do SUS; com mais médicos para as regiões que mais precisam, com pessoas realmente dedicadas e empenhadas à saúde e a observação e resolução das mazelas da população.

LUAN LUCAS VALLINS DA SILVEIRA

De algum lugar no território brasileiro, 26 de outubro de 2052

Cara juventude feminina brasileira

Quero compartilhar, neste momento de alegria, a minha enorme satisfação em estar presenciando, com vocês, alguns avanços sociais alcançados, em especial, nas últimas três décadas. Esses foram conquistados arduamente com enfrentamentos ao patriarcado, com resistência ao sistema, obviamente, a partir de maiores eficiências nas articulações sociais, juntamente com as publicações de pesquisas nas áreas sociais das Universidades, com a construção de novas políticas públicas, e sobretudo, com o fortalecimento do feminismo.

Eu que tracei caminhos muito peculiares, fui um ponto fora da curva, que vivia uma filosofia de “eu vou conseguir, vai dar tudo certo”. Eu acreditava na benevolência humana, na empatia e nos avanços sociais. Além da minha fé cristã, por ter sido educada em família de religiosidade católica, sendo devota de Nossa Senhora Aparecida, passei a acreditar também nas outras maneiras de conectar com as energias positivas, com a ancestralidade, com o cosmo, com as bruxas, acreditando nos orixás e em outras forças que me fizeram seguir.

Hoje, sabendo que o Brasil segue em democracia plena, mesmo com desafios, já conseguimos eleger quatro mulheres para a Presidência da República 56 governadoras, mais de 450 contando com prefeitas e vereadoras, mulheres trans, inclusive. Trata-se, indiscutivelmente, de um grande avanço no campo político. Outro ponto marcante é a formalização de uma legislação contra o feminicídio; a melhora na saúde da mulher, inclusive das mulheres pretas, a conquista da descriminalização do aborto, dentre outros avanços. E, ainda, a estatística atual de pesquisas aponta que mulheres pesquisadoras e professoras, em cargos de chefia, em grandes empresas multinacionais e em lideranças sociais mostram ótimos números. Tudo isso, aponta o enfrentamento feito há séculos, por exemplo, em que nossos salários eram bem inferiores aos dos homens, perdíamos cargos de lideranças apenas por vivenciarmos a maternidade. Tratava-se de um absurdo, mas era real.

Entretanto, ainda há muito o que conquistar, muitas mulheres e meninas ainda sofrem violências em todos os setores sociais, de assédio moral, sexual às outras violências. É importante nos fortalecermos, sempre, com o intuito de continuarmos no foco de que ainda precisamos enfrentar os resquícios do machismo que ainda nos machuca. Seguimos sendo escuta, ombro e sendo estrela na vida de cada uma das que cruzarem nossos caminhos. Assim, teremos ainda mais dias melhores.

Professora Doutora Médica Veterinária Dulcinéia Esteves Santos
Professora Adjunta em alguma Universidade Federal do Brasil

Carta aos estudantes das universidades públicas do futuro

Queridos caloures do futuro, venho através desta carta compartilhar os meus sinceros desejos para vocês. Espero que ainda tenham o direito ao acesso e permanência em universidades públicas, gratuitas e de qualidade, os quais com muita luta foram conquistados e agora querem nos arrancar. Atualmente estamos sem portaria nos prédios, sem agentes de limpeza, as bolsas de extensão foram suspensas, os auxílios viagem não existem mais e tivemos o transporte de apoio reduzido, mas não sabemos até quando. Eu vos escrevo porque hoje tememos o fechamento das universidades públicas, que têm sido sucateadas ano após ano.

Para além do terror ocasionado pela situação política, almejo que vocês não experimentem nenhuma pandemia, como certamente devem ter estudado nas aulas de história. Uma e não foi legal. A morte esteve diariamente presente durante dois dos quatro anos que tenho até então de graduação, e todos nós que vivemos esse momento ou perdemos alguém ou conhecemos alguém que perdeu. Fomos privados de nossa liberdade por uma ameaça que sequer podíamos enxergar, afastados das pessoas que amávamos quando mais precisávamos delas. Desejo que não passem por isso.

Acontece que como se uma pandemia por si só não fosse o suficiente para marcar terrivelmente a primeira metade do século XXI, os governantes da Rússia e Ucrânia estão em guerra. Vocês sabem, pelas aulas de geografia e história, que houve outros conflitos, que por sua vez tornaram rotina debater a crise dos refugiados e os ataques terroristas, mas espero que ao lerem essa carta a humanidade tenha parado de se autodestruir e destruir o planeta e tudo o que nele há junto.

Preciso dizer que no presente temos o Programa de Educação Tutorial (PET), do qual provém os grupos PETs em duas modalidades: os tradicionais que pertencem a um curso específico e os conexões de saberes, que permitem que alunos de diversos cursos diferentes façam parte, criando um grupo PET interdisciplinar. Os PETs trabalham com projetos de ensino, pesquisa e extensão e oportunizam aos petianos e petianas se desenvolverem acadêmica e pessoalmente, incentivando o discente a ser protagonista da sua jornada na universidade.

Na prática, fazer parte de um PET é muito divertido e permite, para além dos aparatos acadêmicos, formar amizades e exercitar o companheirismo, além de termos a oportunidade de alcançar pessoas de fora da universidade e isso é muito legal. Com tudo isso em vista, anseio que no futuro sejam criados mais grupos PET e que o valor da bolsa seja significativo para a realidade enfrentada pelos estudantes.

Por fim, mas não menos importante, espero que encontrem o equilíbrio perfeito entre se divertir e ter um momento de ócio e se dedicar aos estudos e a universidade. Atualmente temos um meme que diz que a universidade pública se paga com a alma, muito usado brincando, mas torço para que sejam bons alunos, que se divirtam, tirem notas boas, aproveitem ao máximo a vida e a universidade e sejam mentalmente saudáveis.

Abraços.

Assucena Saldanha Maia Silvano - Aluna 7º Semestre do Bacharelado em História na UFPel, Bolsista do PET Diversidade e Tolerância, 11 de outubro de 2022





pet

ufpel

diversidade & tolerância

mais informações sobre o PET DT



Coordenação: Professora Lorena Almeida Gill

Corpo discente: Anderson Roberto Cruz da Silveira (Dança Licenciatura), Assucena Saldanha Maia Silvano (Bacharelado em História) Bianca Leocadio Duarte (Nutrição), Dulcinéia Esteves Santos (Medicina Veterinária), Eliana Duarte da Rocha (Psicologia), Fernanda Santana dos Santos (Agronomia), Giovana Pozza (Terapia Ocupacional Bacharelado), Liésia Bubolz Rutz (Pedagogia), Luan Lucas Vallns da Silveira (Medicina), Luana Durante Oliveira (Letras Português Licenciatura), Rafaela de Souza Silva (Música) e Robson Rodrigues da Silva Junior (Odontologia).

Diagramação e edição: Luana Durante Oliveira